

PAPEL DOS LIVROS NOS JORNAIS

Rafaela BERTOLOTO
(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini

RESUMO: A partir de análises das inserções dos livros em jornais selecionados, foi possível refletir sobre a posição dos novos leitores nos dias atuais. Além disso, a reflexão leva a entender qual a influência da mídia sobre eles e sobre seus comportamentos.

Palavras-chave: Livros, jornais, crianças, influência, interesse, Folha de S. Paulo, Correio Popular, linguagem, contexto, condição de produção, estímulos, atratividade, motivação, leitor, hábito de leitura.

Objetivo

O tema desse trabalho de Iniciação Científica é trabalhar com as diferentes maneiras que os livros aparecem nos suplementos de jornais destinados às crianças. Meu objetivo é refletir sobre a influência que eles podem ter no interesse e visão sobre os livros por parte dos leitores em formação e como isso pode ter conseqüências num futuro próximo.

Para poder desenvolver essa análise, vou utilizar os suplementos de dois jornais. Um de grande circulação no país – *Folha de S. Paulo*, e outro de circulação menor e só no interior do estado – *Correio Popular* (140.000 exemplares pela região). Em cada um desses jornais há os cadernos destinados às crianças; no primeiro é a *Folhinha* e no segundo é o caderno *Correio Criança*.

Condições de Produção

A *Folhinha* nasceu como um caderno tablóide (formato de meio jornal) em 1963, mas passou por nove anos de gestação. Em 1954, o jornal publicava, semanalmente, uma seção chamada *Folhinha*, que trazia conto, curiosidades e passatempos. Depois de muitas transformações, o jornal compreende muito mais temas que os iniciais, tanto é que, devido ao interesse e quantidade de conteúdo, criou-se um suplemento somente para esse público. Mas seu objetivo

sempre foi o mesmo: fornecer informações, curiosidades, trechos de contos e brincadeiras.

No ano de 2008, houve um especial para comemorar os 45 anos do complemento e, nessa publicação, havia algumas histórias do que já teve na Folhinha. Sendo a parte de “Literatura” a que mais me interessa, observei as mudanças com maior atenção. Pude ver que a publicação nessa parte se deu através de divulgações marcadas por contos de horror, lendas indígenas e poemas com ou sem rimas. Houve também explicações de conceitos da literatura, como “o que é crônica?”.

Minha pesquisa também foi feita pelo jornal “Correio Popular”. Sobre o acervo desse jornal, só consegui a partir do ano 2001. Observei, lendo todas as publicações do caderno *Correio Criança*, que foi só a partir de 31 de agosto de 2002 que houve um suplemento só destinado à criança. Antes disso havia a publicação espalhada pelo jornal, nada delimitado como hoje. O objetivo desde o início foi o de fornecer diversão, entretenimento e informação para o público infantil.

A consolidação do *Correio*, fundado pelo jornalista Álvaro Ribeiro em 1927, viabilizou a criação da Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), o maior conglomerado de mídia do interior. A partir de pesquisas nesse site, descobri que o Correio é o jornal de maior circulação no interior, abrangendo Campinas (67% dos leitores dos jornais lê o Correio), Americana, Artur Nogueira, Santa Bárbara d’Oeste, dentre mais 17 cidades. Também observei que o público leitor infantil representa 3% dos leitores. Considero aspectos como esses muito relevantes, já que se pode observar que ele tem algum impacto na sociedade, ou seja, no público que estou pesquisando. Caso não houvesse um público leitor delimitado, eu estaria trabalhando sobre a hipótese de um impacto.

Justificativa

A partir da pesquisa no acervo destinado às crianças do “Correio Popular” e na “Folha de S. Paulo” observei que os livros estão muito presentes em ambos. A abordagem é feita de maneira distinta, mas quantitativamente, no período de 2004 a 2008, é muito parecido.

Analisei os meses de junho e novembro dos anos ditos acima. A escolha foi feita pois é tempo de véspera de férias, e achei que a presença dos livros poderia ser abordada de maneira distinta. Após a longa leitura de quase todos os suplementos do período escolhido, observei que os livros são sempre abordados da mesma maneira. O grande fator de mudança na abordagem são os grandes lançamentos, como dos livros de Harry Potter, por exemplo. Nessas épocas a

abordagem é feita abrangendo até entrevistas com crianças e adolescentes. Do contrário, o livro tem quase sempre sua presença em determinada página sem nenhuma atratividade.

Quadro teórico

Um fator muito importante e determinante para os pequenos leitores entrarem no mundo da leitura é a *atratividade*. De acordo com estudos da psicologia, todos precisam de estímulos para concretizar qualquer ação. A motivação pode ser dada de diversas maneiras, dentre elas com palavras cruzadas, com dramatização dos textos, etc. Marisa Lajolo em seu livro “Do mundo da leitura para a leitura do mundo” fala que “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. E é exatamente esse papel que o jornal deveria ter na vida dos novos leitores. Ainda Lajolo aprofunda o assunto e fala sobre o assunto, porém sobre outra perspectiva. Ela enfatiza e valoriza as atitudes dos professores como um “incentivador”.

“Motivamos a classe a ler, a ler sempre (...) Lêem porque eu incentivo muito e às vezes até dramatizo o assunto resumidamente, para que o aluno se interesse mais por leitura(...)”

Mediante a isso, pude observar através das reportagens presentes nos suplementos infantis, que a leitura não é valorizada. Um exemplo disso é o quanto do jornal se destina aos livros. Normalmente esse espaço é de no máximo uma página, quando muito. Contrastando a isso, já o espaço destinado a lançamentos de brinquedos e a lançamentos de novos games é muito maior. A partir disso já fica “embutido” no subconsciente da criança uma pirâmide de valores, que tem os games e jogos de Internet no topo.

A partir disso, podemos observar que as crianças, que já não têm estímulos para apegarem-se à leitura, ainda têm uma outra barreira para o início da leitura, que é a facilidade de acesso às novas tecnologias e a desvalorização das antigas, como o livro (em papel).

No jornal “Folha de S. Paulo” a abordagem é ainda menos valorizada que no “Correio Popular”. Observei que as reportagens relacionadas a livros do primeiro jornal são compactas. Já no Correio ainda há a busca por uma grande reportagem, valorizando mais os livros de lançamento.

Para início de análise, comecei também a observar a questão da Linguagem na abordagem dos livros pelos jornais. Primeiramente deve-se ter em mente que a linguagem usada nos cadernos infantis dos jornais precisa ter algum diferencial da que é usada no resto do jornal. Isso porque o público alvo é diferente. De maneira geral, o público alvo dos cadernos de Economia, Política e Cultura são

os adultos. Já do caderno Infantil, são as crianças. Sendo assim, é necessário que haja algumas alterações, como no uso de algumas estruturas e de palavras.

Fatos analisados

Partindo desse ponto, resolvi analisar a linguagem usada pelo Correio Popular e pela Folha de S. Paulo. Abaixo estão as informações sobre o jornal e um trecho de cada reportagem.

Correio Popular 19/11/2005
“O fantástico mundo de Harry Potter invade o planeta Terra”
Jornalista responsável: Renata Freitas

Trecho:

“Se você nunca viu Harry Potter mais gordo, não tem a menor idéia do que seja Hogwarts ou quem é Você-Sabe-Quem, nem tudo está perdido.

Num abraçadabra você pode estar roendo as unhas em uma das 500 salas do Brasil que exibem desde ontem o filme "Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban". A **Folhinha** dá uma mão (não vale querer as unhas também).

Como nas duas aventuras anteriores do bruxinho, ele e seus inseparáveis colegas de Escola de Magia de Hogwarts, Rony e Hermione, têm pela frente mistérios e vilões. Na primeira vez que apareceu, o garoto tinha 11 anos e enfrentou o bruxo mais malvado do mundo, Voldemort (99% de Hogwarts têm medo de dizer seu nome e o chamam de Você-Sabe-Quem).”

Folha de S. Paulo - **5 de junho de 2004** –
“Para quem não leu ‘Harry Potter’”
(Jornalista Cassiano Elek Machado)

Trecho:

“Este final de ano será de festa total para a criançada. E o bruxinho Harry Potter é o grande responsável pelo clima de alegria entre crianças e adolescentes do mundo inteiro. A euforia no Brasil começa nesta sexta-feira, com a estréia nos cinemas do filme Harry Potter e o Cálice de Fogo. E para completar, no dia seguinte, chega às livrarias do País a edição em português do livro Harry Potter e o Enigma do Príncipe, sexto volume da série, criada pela escritora inglesa J. K. Rowling.

As crianças já festejam e aguardam ansiosamente os lançamentos que estão por vir. Com apenas oito anos, Pedro Rodrigues Soares, está contando nos dedinhos quantos dias faltam para a grande estréia de Harry Potter e o Cálice de Fogo. “Vou na pré-estréia com minha mãe e meus amigos Iago e Gabriel”, conta, decidido.(...)”

Podemos observar algumas distinções entre a maneira de se abordar o público alvo. Primeiramente, o Correio popular parece não falar diretamente com as crianças, mas talvez com seus pais. Isto porque diz “Este final de ano será de festa total para a criançada”, ou seja, se falasse diretamente com elas, não colocaria “crianças”, já que está implícito que é uma sessão do jornal destinada a esse público. Sendo assim, observa-se que o interlocutor não é a criança, não coincide com o público alvo deste caderno do jornal.

Já a Folha de S. Paulo começa o texto de maneira diferente. Inicia falando diretamente com a criança. Pode-se observar tal fato através da presença do pronome “você” na primeira frase. Ou seja, “você” criança. Dessa maneira, distintamente do Correio, o interlocutor é a criança, coincidindo com o público alvo.

Outra questão que já pode ser observada nesse trecho é o uso de estruturas lingüísticas. O Correio usa a estrutura mais direta, com a presença de pontos finais para demarcar. Esse recurso facilita a leitura do jornal, ainda mais por uma criança que pode ainda apresentar algumas dificuldade. Em contrapartida a esse uso, a Folha usa as vírgulas para dar as pausas. Sendo assim, ela lança mão de um recurso mais complicado, que demanda maior atenção e conhecimento da língua. Esse recurso é usado para deixar o texto mais diferente, porém pode gerar algumas dificuldades.

A partir dessa análise inicial, pedi a uma criança, de 13 anos ler os dois textos. Já na leitura em voz alta, ela apresentou dificuldade em ler o texto da Folha. Mas quando eu li para ela, ela entendeu e conseguiu interpretar o que estava escrito. Porém, quando perguntei a ela qual texto ela acha que era destinado mais a ela, ela confirmou que a reportagem da Folha. Conclui então que esse jornal busca falar diretamente com o público alvo, porém tem dificuldades em “como” fazer isso.

Referências Bibliográficas:

- a) Acervo jornal “Folha de S. Paulo”
- b) Acervo jornal “Correio Popular”
- c) LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.